18° ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO NO BRASIL

BELO HORIZONTE - MG
11 - 14 / AGOSTO

PAISAGENS EM DIÁLOGOS
TERRITÓRIOS, MEMÓRIAS E NATUREZAS

ENEPEA 2026

PATRIMÔNIO, PREEXISTÊNCIA E PROJETO DA PAISAGEM: REFLEXÕES TEÓRICAS E ANÁLISE DAS RELAÇÕES ENTRE ARBORIZAÇÃO, CONFORTO E PATRIMÔNIO NO TRECHO DA APAC-SAGAS

ST3 - Paisagens e memórias

HERITAGE, PREEXISTENCE, AND LANDSCAPE DESIGN: THEORETICAL REFLECTIONS AND ANALYSIS OF THE RELATIONSHIPS BETWEEN URBAN FORESTRY, COMFORT, AND HERITAGE IN THE APAC-SAGAS STRETCH

CARVALHO, Agnes
Graduanda em Paisagismo | UFRJ | Rio de Janeiro, RJ, Br | agnesvazlobo@gmail.com | ORCID: https://orcid.org/0009-0003-6295-992X

CORREIA, Ellen
Graduanda em Arquitetura e Urbanismo | UFRJ | Rio de Janeiro, RJ, Br | ellen.correia@fau.ufrj.br | ORCID: https://orcid.org/0009-0009-4085-395X

VASCONCELLOS, Virgínia
Prof. Dr. Programa de Pós-Graduação em Projeto e Patrimônio | UFRJ | Rio de Janeiro, RJ, Br | virginia.vasconcellos@fau.ufrj.br | ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0740-8474

RESUMO

Este estudo analisa as relações entre projeto e patrimônio, com foco na arborização e no conforto ambiental, na APAC-SAGAS, Área de Proteção Cultural do Rio de Janeiro, através de pesquisa documental e qualitativa/participativa, realizada a partir de leituras, levantamentos bibliográficos e visitas programadas (levantamentos físicos, medições, registros fotográficos com anotações em plantas). Foram observadas as características da quadra (usos e atividades, alterações de gabarito, estado de conservação das edificações, vias e passeios). As edificações foram analisadas pelos usos, elementos de fachada e cobertura, bens integrados, forma de implantação da edificação, testada dos lotes, *skyline*, desafios para a preservação dos imóveis e retirada de bens integrados. O estudo ressalta a importância de se equilibrar a preservação do patrimônio com a funcionalidade e o conforto ambiental para que o espaço histórico seja dinâmico e adaptável, sem perder sua essência, permitindo compatibilizar arborização e segurança na área. Os resultados indicam que a área sofre transformações contínuas, com patrimônio descaracterizado por falta de manutenção, arborização escassa, passeios estreitos e pisos que prejudicam a caminhabilidade e aumentam o desconforto térmico. A pesquisa segue em outras áreas do Centro da Cidade.

Palavras-chave: patrimônio cultural; arborização urbana; conforto ambiental; paisagem urbana

ABSTRACT

This study examines the relationships between design and heritage, focusing on tree planting and environmental comfort in APAC-SAGAS, a Cultural Protection Area in Rio de Janeiro, through documentary and qualitative/participatory research, carried out based on readings, bibliographic surveys, and scheduled visits (physical surveys, measurements, photographic records with annotations on plans). The characteristics of the block were observed (uses and activities, changes in building height limits, state of conservation of buildings, streets, and sidewalks). The buildings were analyzed according to uses, facade and roof elements, integrated assets, building implantation form, lot frontage, skyline, challenges for property preservation, and removal of integrated assets. The study emphasizes the importance of balancing heritage preservation with functionality and environmental comfort so that the historic space remains dynamic and adaptable, without losing its essence, allowing for the compatibility of tree planting and safety in the area. The results indicate that the area undergoes continuous transformations, with heritage mischaracterized due to lack of maintenance, scarce tree planting, narrow sidewalks, and pavements that hinder walkability and increase thermal discomfort. The research continues in other areas of the city center.

Keywords: *cultural heritage; urban afforestation; environmental comfort; urban landscape.*

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda as complexas relações entre patrimônio cultural edificado, projeto da paisagem e os elementos naturais que compõem o espaço urbano, com enfoque na arborização como componente estruturante da forma e da experiência da cidade. Parte-se do princípio de que a preservação do patrimônio não pode ser dissociada da qualidade ambiental do espaço público que o envolve, sendo a paisagem compreendida como um sistema integrado, dinâmico e indissociável entre suporte físico, preexistências arquitetônicas e vegetação.

O objetivo central da pesquisa é analisar criticamente a compatibilidade entre as normas de preservação das Áreas de Proteção do Ambiente Cultural (APACs) e os elementos urbanísticos fundamentais. A investigação toma como recorte espacial um trecho da APAC-SAGAS, no Centro do Rio de Janeiro, compreendendo segmentos das ruas da Conceição, Senador Pompeu, Camerino e trecho da avenida Marechal Floriano — área de forte vocação comercial e cultural, historicamente vinculada à zona portuária, mas que enfrenta processos de deterioração, descaracterização e baixa qualidade ambiental.

Esta pesquisa interessa particularmente compreender o papel da vegetação urbana para além de seu caráter meramente ornamental ou compensatório, mas como elemento capaz de mediar escalas, qualificar percursos, oferecer sombra e conforto térmico, e, sobretudo, contribuir para a legibilidade e a apropriação afetiva do espaço histórico. A arborização é aqui tratada como componente ativo da morfologia urbana, capaz de estabelecer diálogos entre o patrimônio edificado e as necessidades contemporâneas de uso e permanência.

A metodologia adotada combina pesquisa documental e abordagem qualitativa de caráter participativo, estruturada em: levantamentos bibliográficos sobre paisagem, patrimônio e morfologia urbana; visitas técnicas programadas para registros fotográficos, medições in loco e anotações em plantas; e elaboração de mapas síntese e fotomontagens. Foram analisadas variáveis como usos e atividades, gabaritos, estado de conservação das edificações e dos passeios, elementos de fachada e bens integrados, além da distribuição e das condições da vegetação existente.

Os primeiros resultados indicam um quadro preocupante: a área estudada vem sofrendo transformações contínuas que resultam na descaracterização do patrimônio, aliada à arborização escassa e mal implantada, passeios estreitos e pisos inadequados que comprometem a caminhabilidade e acentuam o desconforto térmico. Constata-se que a ausência de uma estratégia integrada de preservação — que articule edificações, espaço público e vegetação — compromete não apenas a integridade física do patrimônio, mas também a própria condição da cidade como experiência estética, afetiva e ambientalmente qualificada.

A pesquisa integra estudos mais amplos e encontra-se em andamento, estendendo-se a outras áreas do Centro do Rio de Janeiro. Este artigo apresenta reflexões teóricas e análises preliminares que visam contribuir para o debate sobre projetos de paisagem em áreas protegidas, defendendo a reinserção qualificada da vegetação como estratégia fundamental de requalificação patrimonial e ambiental.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A leitura da paisagem urbana como componente do patrimônio cultural pressupõe a compreensão da cidade enquanto experiência sensível, construída tanto por sua materialidade quanto pela forma como é percebida e vivenciada pelos usuários. Nesse sentido, Gordon Cullen (2008) e Kevin Lynch (2011) oferecem aportes teóricos fundamentais para a análise de áreas históricas, ao enfatizarem a relação entre forma urbana, percepção e identidade dos lugares.

Gordon Cullen, em Paisagem Urbana, propõe uma abordagem baseada na experiência visual do observador em movimento, destacando a importância da visão serial na apreensão da cidade. Para o autor, "a paisagem urbana é revelada como uma sequência de acontecimentos visuais" (Cullen, 2008), na qual o percurso do pedestre estrutura a compreensão do espaço. Essa sucessão de cenas permite identificar continuidades, rupturas e contrastes na paisagem, tornando perceptíveis aspectos como alinhamentos, variações volumétricas, ritmo das fachadas e relações entre cheios e vazios — elementos essenciais para a leitura morfológica de conjuntos urbanos protegidos.

Cullen (2008) enfatiza que a qualidade da paisagem urbana está diretamente relacionada à articulação entre edificações e espaço público, afirmando que "não se trata apenas de edifícios isolados, mas do modo como eles se relacionam entre si e com os espaços que os conectam" (Cullen, 2008). Nesse contexto, intervenções que rompem a continuidade formal, como alterações de gabarito ou descaracterizações de fachadas, comprometem a unidade visual do conjunto e enfraquecem os valores paisagísticos associados ao patrimônio cultural. A presença — ou ausência — de arborização, materiais adequados nos passeios e condições de conforto ambiental também interferem diretamente na experiência urbana e na permanência do usuário no espaço histórico.

De forma complementar, Kevin Lynch (2011) contribui para essa discussão ao tratar da imagem da cidade e da capacidade que o ambiente urbano tem de ser reconhecido e organizado mentalmente. Segundo o autor, "uma cidade legível é aquela cujos distritos, marcos e caminhos são facilmente identificáveis e agrupáveis em um padrão coerente" (Lynch, 2011). A legibilidade urbana, portanto, é fundamental para a apropriação do espaço e para o fortalecimento do vínculo entre população e patrimônio.

Lynch destaca que os elementos físicos da cidade — caminhos, limites, bairros, nós e marcos — desempenham papel central na construção da imagem urbana. Em áreas de proteção cultural, as edificações históricas frequentemente atuam como marcos, enquanto a continuidade do tecido urbano contribui para a definição de bairros reconhecíveis. Contudo, quando há degradação física, descaracterização arquitetônica ou precarização do espaço público, a imagem urbana torna-se fragmentada, dificultando a orientação e reduzindo a qualidade ambiental. Como aponta o autor, "quando a imagem é confusa ou indefinida, o usuário tende a sentir-se desorientado e desconectado do lugar" (Lynch, 2011).

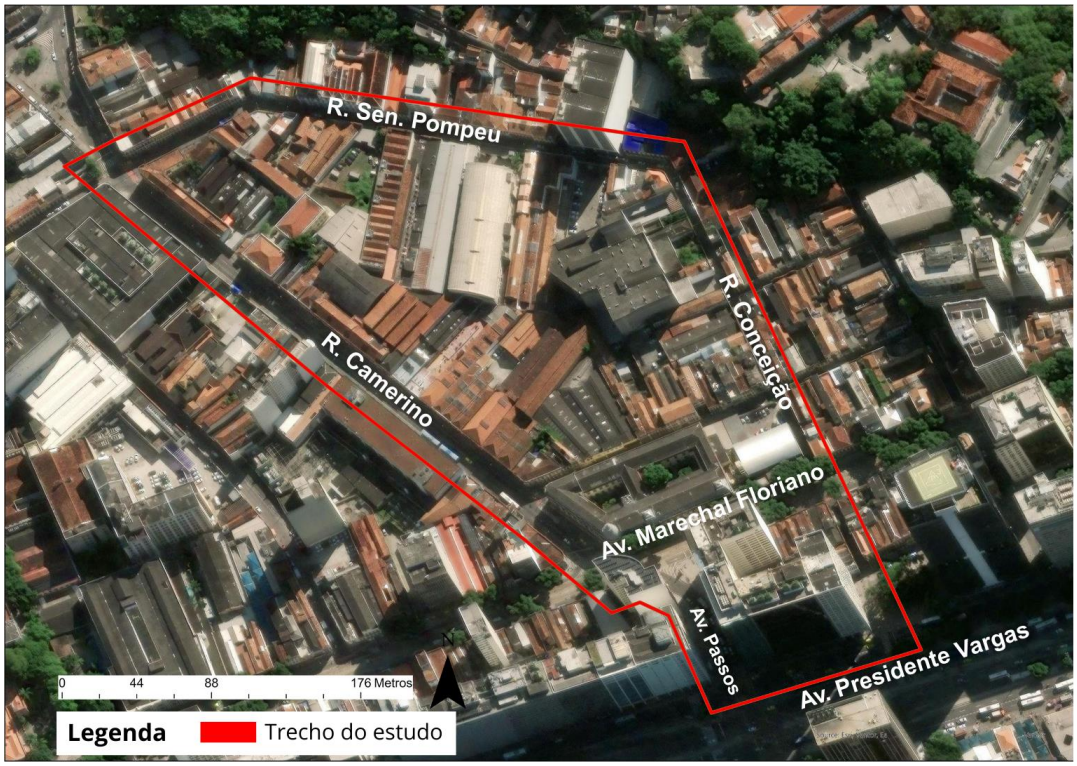
A articulação entre os aportes teóricos de Cullen (2008) e Lynch (2011) permite compreender o patrimônio cultural não apenas como objeto a ser preservado, mas como parte integrante de uma paisagem urbana dinâmica e perceptível. A preservação eficaz deve, portanto, considerar tanto a integridade material das edificações quanto a experiência cotidiana do espaço, incorporando aspectos como conforto térmico, caminhabilidade, arborização e acessibilidade. Dessa forma, a paisagem urbana histórica mantém sua legibilidade, continuidade e vitalidade,

possibilitando a coexistência entre permanência e transformação no centro da cidade do Rio de Janeiro.

3 ÁREA DE ESTUDO

A área de estudo analisada corresponde a trechos das ruas da Conceição, Senador Pompeu, Camerino e trechos das avenidas Passos e Marechal Floriano, que recebem influência do Porto do Rio de Janeiro, apresentando, prioritariamente, usos culturais e comerciais. Este recorte pertence à área de Proteção do Ambiente Cultural da Cidade do Rio de Janeiro – APAC-SAGAS (Figura 1) e nela foram observados: passeios - caminhabilidade, compatibilização do mobiliário e sua relação com a arborização. As edificações foram analisadas pelos usos (original e proposto), elementos de fachada e cobertura, bens integrados, forma de implantação da edificação e testada dos lotes, *skyline* e cortes esquemáticos, além, dos desafios para a preservação dos imóveis (alteração de fachadas e inclusão de elementos que não integram o projeto original), assim como a retirada de bens integrados.

Figura 1: Recorte de Estudo - Trecho da APAC-SAGAS, RJ



Fonte: Elaborado pelas autoras no ArcGIS

3.1 Mapa de Uso

O histórico desta região demonstra que o uso comercial se mantém forte (Figura 2), desde o século XIX, onde lojas e outros estabelecimentos foram construídos por ser uma zona portuária. Atualmente, apesar da deterioração da área, o local ainda é bastante comercial, apresentando também uso institucional e pouquíssimo uso residencial, observado nos pavimentos superiores das edificações, configurando uso misto. A análise de uso do solo da APAC-SAGAS, observada com base em Gordon Cullen (2008) e Kevin Lynch (2011), destaca a predominância do uso comercial e a escassez de usos residenciais e de lazer impactam diretamente a percepção e a vivência do espaço urbano.

Figura 2: Mapa de Uso



Fonte: Elaborado pelas autoras no ArcGIS

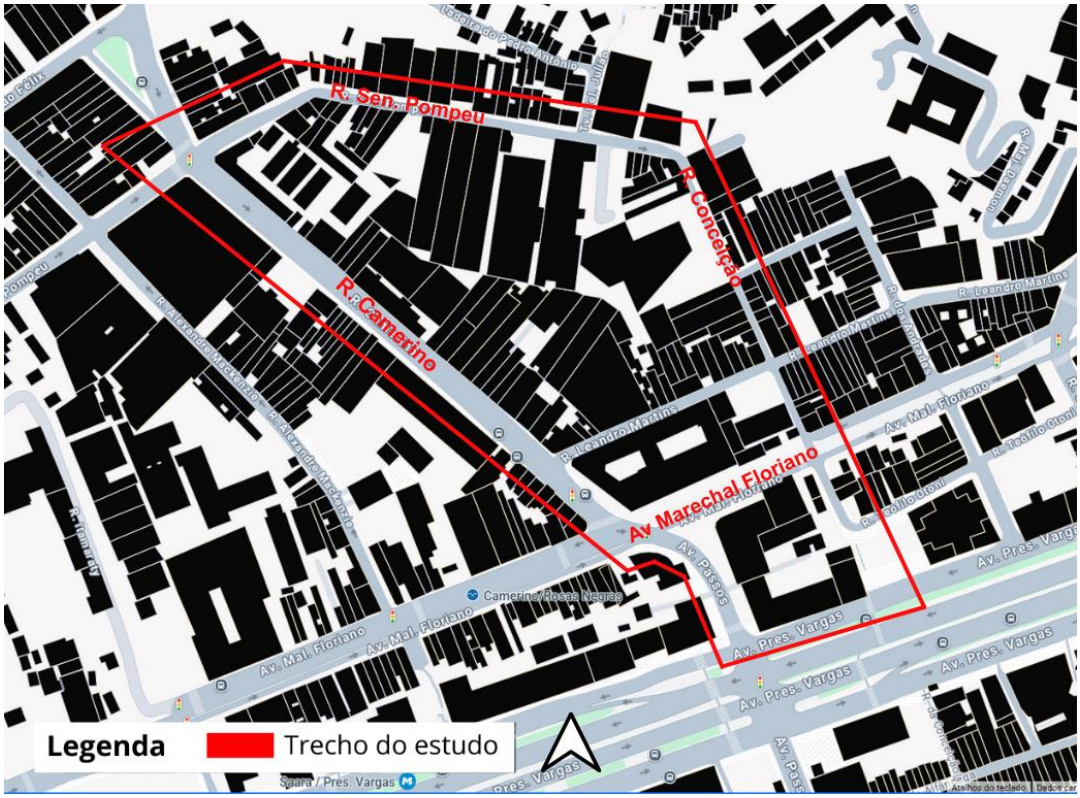
Na visão de Cullen (2008), a monotonia do uso do solo — marcada por lotes comerciais fechados, fachadas descaracterizadas e pouca variedade de atividades — resulta em uma paisagem serial pouco atraente, com baixa variação visual e escassos pontos de interesse que convidem à caminhada ou à permanência. Para Lynch (2011), a falta de diversidade funcional fragiliza a formação de bairros (distritos) com identidade própria, uma vez que a área não oferece os elementos vivos e relacionais que compõem a imagem urbana — como nós de convívio ou marcos afetivos. A concentração comercial, aliada à carência de áreas verdes e à degradação do mobiliário urbano, reforçam a sensação de um caminho puramente utilitário, sem qualidades sensoriais ou simbólicas. Assim, o padrão de uso do solo verificado — histórico, mas estagnado — não só limita a experiência visual e espacial do pedestre (Cullen, 2008), como também compromete a capacidade do lugar de se constituir como um território legível, memorável e

significativo (Lynch, 2011), dificultando a apropriação afetiva e a conservação integrada do patrimônio cultural e ambiental.

3.2 Espaços construídos x Espaços livres de edificação

O mapa de figura e fundo, permite observar a predominância das edificações em relação aos espaços livres (Figura 3). A maioria dos lotes é totalmente ocupada pela edificação, não permitindo a ventilação e a iluminação naturais, com exceção de alguns estacionamentos e os pátios do Colégio Pedro II, na Avenida Marechal Floriano e da Polícia Penal, na Rua Senador Pompeu. As edificações não possuem afastamentos frontais ou laterais, que caracteriza a ocupação inicial desta área no início do século XIX. Os espaços livres públicos de edificação, na área, são representados, apenas, pelas vias. A única praça, Praça da Anistia, encontra-se na esquina da Rua da Conceição com a Avenida Presidente Vargas.

Figura 3: Mapa Figura e Fundo



Fonte: Elaborado pelas autoras no MapsStyle

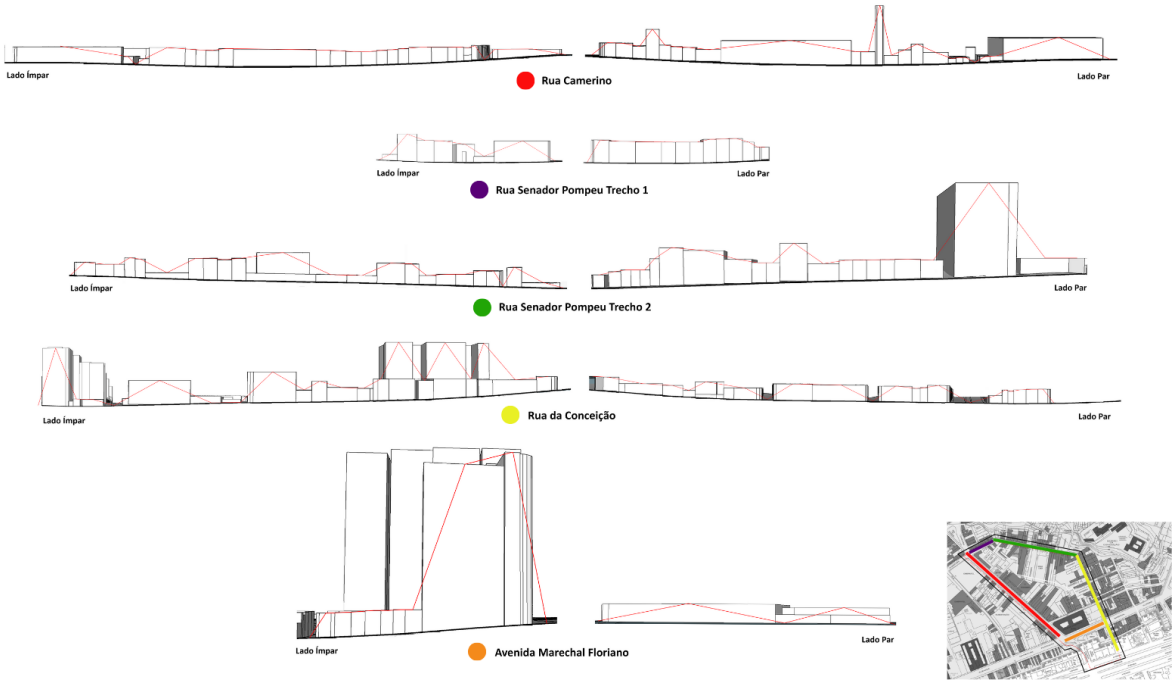
O mapa evidencia a predominância das edificações sobre os espaços livres — revela uma configuração urbana que dialoga criticamente com os conceitos de Cullen (2008) e Lynch (2011). Para Cullen (2008), a quase ausência de pátios, praças e recuos laterais resulta em uma paisagem serial densa e contínua, com pouca modulação visual entre cheios e vazios, o que prejudica a legibilidade e a experiência sensorial do pedestre. A falta de “respiração” entre os volumes edifícios dificulta a criação de contrastes, ritmos e pontos de foco que caracterizariam uma visão serial mais rica e humana.

Já na ótica de Lynch (2011), essa saturação de “figura” (edificações) sobre o “fundo” (espaços livres) fragiliza a estruturação dos elementos urbanos imagéticos: os caminhos tornam-se corredores fechados e pouco permeáveis; os limites são pouco claros, dada a continuidade da massa construída; e a escassez de vazios qualificados compromete a formação de nós de convivência e de marcos com destaque visual. Apenas os pátios do Colégio Pedro II e da Polícia aparecem como exceções — potenciais nós ou marcos — mas estão isolados e desconectados do tecido urbano ao redor. Desse modo, o desequilíbrio entre figura e fundo não só empobrece a percepção visual sequencial (Cullen, 2008), como também dificulta a construção de uma imagem urbana legível e memorável (Lynch, 2011), reforçando a sensação de opacidade, impermeabilidade e baixa apropriação do espaço público na área estudada.

3.3 Perfis da Rua e *Skyline*

Ao se construir o *skyline* para avaliar o perfil (altura média) das edificações, observam-se os espaços edificados e os lotes vazios. É possível notar que os edifícios que conservam as fachadas originais, mantendo-se nas normas das APACs, possuem um padrão de altura, com uma média de um a quatro pavimentos e destaca assim, um corte abrupto nos edifícios construídos posteriormente por possuírem mais de dez pavimentos. Em sua maioria, as edificações conservam suas alturas. Na Rua Camerino, há apenas um edifício com mais de 10 andares, que, evidentemente, se destaca na paisagem de forma abrupta. Os edifícios com pavimentos mais altos estão na Rua Senador Pompeu (um) e na Rua da Conceição (um), e ambos são edifícios garagem. Já na Avenida Marechal Floriano, observa-se um contraste maior com os edifícios modernos corporativos que ficam entre as avenidas Presidente Vargas e Marechal Floriano. Neste lote, constam quatro bens preservados. A figura 4 destaca o contraste de alturas, que também acompanham a topografia. Do lado esquerdo estão os perfis do lado ímpar de cada rua e do lado esquerdo, os perfis do lado par, seguindo as cores referentes a cada rua no mapa no canto inferior direito.

Figura 4 – Skyline



Fonte: Elaborado pelas autoras

As Áreas de Proteção do Ambiente Cultural (APACs), embora fundamentais para a preservação do patrimônio, apresentam uma contradição: ainda são observáveis processos de deterioração, descaracterização e degradação de edificações e espaços públicos. Este estudo analisa a compatibilidade entre as normas de preservação das APACs e elementos urbanísticos críticos, como a arborização, os materiais de revestimento e a acessibilidade.

O levantamento dos perfis das fachadas constitui uma etapa essencial para a leitura morfológica do conjunto urbano, possibilitando a análise comparativa entre as edificações históricas e as construções mais recentes. Essa representação gráfica sintetiza a continuidade, as proporções e o ritmo das fachadas ao longo das vias, revelando a relação entre cheios e vazios, alturas, ornamentações e padrões de modulação. Por meio desse instrumento, é possível compreender a conformação volumétrica das quadras e identificar rupturas na paisagem provocadas por substituições, demolições ou inserções de edifícios com gabarito destoante. O estudo dos perfis permite ainda observar como a legislação urbana, o uso do solo e as transformações econômicas influenciaram o tecido edificado, especialmente nas áreas de proteção cultural.

Na figura 5, apresentam-se os perfis levantados das fachadas dos lados ímpares voltados para a Avenida Marechal Floriano, Rua Senador Pompeu e Rua Camerino, com as respectivas cores no mapa do canto superior direito, que compõem parte do perímetro da APAC-SAGAS. Essa documentação visual serve como base para a análise comparativa dos estados de conservação, para documentar de forma clara as transformações ocorridas ao longo do tempo e para a discussão sobre a coexistência entre o patrimônio histórico e as edificações contemporâneas no centro do Rio de Janeiro.

Figura 5 – Perfis estudados



Fonte: Elaborado pelas autoras

Esta análise revela uma correlação com os conceitos de Gordon Cullen (2008) e Kevin Lynch (2011). Para Cullen (2008), o *skyline* irregular — marcado por edifícios históricos de até quatro pavimentos interrompidos por torres de mais de dez andares — cria uma sequência visual descontínua e abrupta, que quebra a escala humana e prejudica a percepção de unidade e ritmo ao longo das ruas. Essa desarmonia volumétrica gera uma experiência serial confusa, na qual o pedestre não consegue estabelecer uma narrativa visual coerente, essencial para a legibilidade e o conforto espacial.

A leitura dos perfis das fachadas da Avenida Marechal Floriano, Rua Senador Pompeu e Rua Camerino, à luz do conceito de visão serial proposto por Gordon Cullen (1996), revela como a experiência do pedestre ao longo dessas vias é moldada por sucessivas revelações visuais. Para o autor, o deslocamento pela cidade configura-se como uma sequência de quadros que se descortinam gradualmente, ora surpreendendo, ora confirmando expectativas espaciais. Na Avenida Marechal Floriano (lado ímpar), a alternância entre edifícios e vazios, associada à presença de árvores, introduz pausas e respiros na caminhada, gerando uma cadência visual que convida à permanência. Em contraste, na Rua Senador Pompeu (lado ímpar), a continuidade edificada é rompida não por elementos que qualificam a paisagem, mas por vãos degradados e fachadas pichadas, criando interrupções que comunicam abandono, não vitalidade. Já na Rua Camerino (lado ímpar), a homogeneidade do tecido construído, desprovida de qualquer mediação vegetal ou variação expressiva de planos, resulta em um percurso visualmente árido, onde cada nova quadra pouco acrescenta à experiência anterior. Essa ausência de contrastes planejados — sejam eles de escala, textura, cor ou sombreamento — compromete o que Cullen identifica como a própria essência da paisagem urbana: a capacidade de emocionar e envolver o observador em movimento. Ela também evidencia, que a ausência de uma estratégia integrada de preservação — que articule fachadas, arborização e espaço público — compromete

não apenas a integridade física do patrimônio, mas também a própria condição da cidade como experiência estética e afetiva.

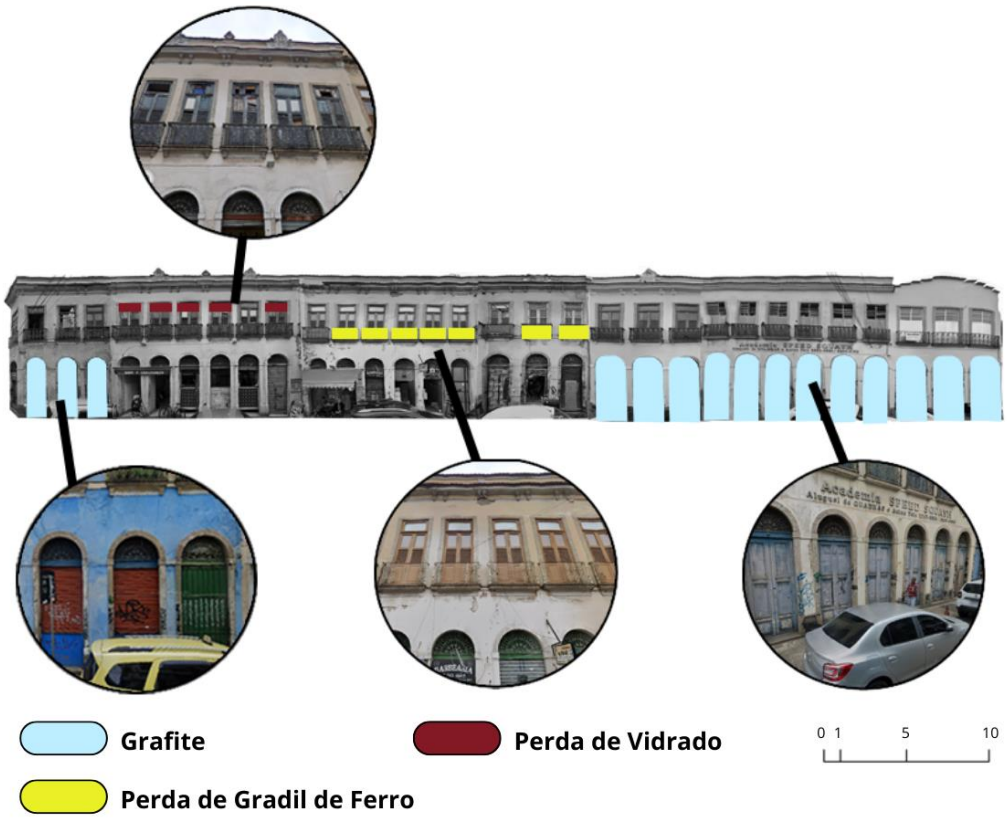
Na perspectiva de Kevin Lynch (2011), os perfis desencontrados refletem uma falta de ordenação clara dos elementos imagéticos da cidade. Os edifícios altos funcionam como marcos intrusivos, que não se integram à identidade do bairro histórico, enquanto as construções originais, que poderiam atuar como referências contínuas ao longo dos caminhos, perdem visibilidade e importância. A inconsistência no gabarito compromete ainda a definição dos limites visuais da área e a formação de nós perceptíveis, já que a variação abrupta de alturas dispersa a atenção e fragiliza a leitura do conjunto. Assim, a descontinuidade do *skyline* não só fragiliza a experiência visual serial (Cullen, 2008), como também dificulta a construção de uma imagem urbana clara e estruturada (Lynch, 2011), enfraquecendo a identidade, a memorabilidade e a integração perceptiva do patrimônio no cenário urbano contemporâneo.

3.4 As fachadas

O mapeamento de danos das fachadas realizado na Rua Senador Pompeu, sintetiza as principais ocorrências observadas nas fachadas e ilustra o estado de conservação do conjunto edificado (Figura 6). A análise dos danos nas fachadas revela o estado de conservação precário de grande parte das edificações situadas na Rua Senador Pompeu, inserida na APAC-SAGAS. Observa-se um número expressivo de pichações, sobretudo nos vãos do pavimento térreo, configurando uma deterioração visual significativa que compromete a leitura dos elementos arquitetônicos originais. Além disso, verificam-se perdas de bens integrados, como gradis de ferro e vidros das esquadrias, bem como a ausência de elementos decorativos, a exemplo de frontões e portas originais.

Essas perdas demonstram a falta de manutenção e a vulnerabilidade das fachadas, refletindo o abandono de parte do conjunto edificado. O mapeamento evidencia que os danos se concentram nos níveis mais acessíveis das edificações, onde o uso comercial e a maior interação com o espaço público tendem a acelerar os processos de desgaste e descaracterização – pichações, substituição de elementos construtivos por materiais contemporâneos de menor qualidade comprometem a integridade do conjunto arquitetônico e a coerência estética da paisagem urbana protegida. A leitura do mapa de danos, portanto, reforça a necessidade de ações integradas de conservação preventiva, aliadas a políticas públicas de revalorização do patrimônio edificado e de fortalecimento do uso habitacional e cultural na área.

Figura 6 – Mapa de Danos das Fachadas



Fonte: Elaborado pelas autoras

3.5 A arborização

O levantamento da arborização (Figura 7) revela que apesar de haver um pequeno maciço no morro do Valongo, no recorte, só há um trecho com arborização urbana na Avenida Marechal Floriano. As árvores implantadas neste trecho são os Oitis (Licania tomentosa [nº4 na Figura 7]), porém com golas estreitas causando deformidades nas calçadas. Algumas delas estão doentes e a poda não contribui para o bom desenvolvimento da espécie. As demais ruas não são arborizadas. Observa-se apenas algumas poucas árvores em seis lotes. No lote onde há mais incidência de árvores, é um estacionamento com amendoeiras (*Terminalia catappa* [nº3 na Figura 7]) na Rua da Conceição, todavia, numa última visita no dia 05 de setembro de 2025, observou-se a retirada das mesmas. Também foi possível registrar as fotos dentro das instalações do Cedim (Conselho Estadual dos Direitos da Mulher – RJ) localizada na Rua Camerino, com uma árvore sendo a Pata de vaca (*Bauhinia forficata* [nº1 na Figura 7]) e a outra uma Figueira (*Ficus benjamina* [nº2 na Figura 7]).

Outra parte que conta com vegetação é a Praça da Anistia, que faz esquina com a Rua da Conceição e a Avenida Presidente Vargas (marcada no círculo tracejado vermelho na Figura 7). Nela há espécies como as Palmeiras Imperiais (*Roystonea oleracea* [nº9 na Figura 7]), Iucas (*Yucca sp.* [nº7 na Figura 7]), Figueira (*Ficus microcarpa* [nº6 na Figura 7]), Patas de vaca

(*Bauhinia forficata* [nº11 na Figura 7]), Sibipiruna (*Caesalpinia peltophoroides* [nº12 na Figura 7]), Amendoeira (*Terminalia catappa* [nº10 na Figura 7]), Farinha-seca (*Albizia niopoides* [nº5 na Figura 7]) e o Sombreiro (*Clitoria fairchildiana* [nº8 na Figura 7]).

É possível observar uma distribuição esparsa e desconexa das árvores, cenário que se relaciona criticamente com as teorias de Gordon Cullen (2008) e Kevin Lynch (2011). Para Cullen, a quase ausência de vegetação nas ruas Camerino, Senador Pompeu e da Conceição resulta em uma paisagem serial árida e monótona, com pouca variação de texturas, sombras e cores ao longo do percurso do pedestre. A falta de elementos verdes compromete a criação de ritmos visuais, pontos de interesse e sensação de aconchego, essenciais para uma experiência urbana qualificada. Já na Avenida Marechal Floriano, onde há arborização — com copas mal podadas e golas estreitas — ainda assim introduz algum grau de modulação visual, ainda que insuficiente para configurar uma sequência espacial coesa.

Sob a ótica de Lynch (2011), a arborização esparsa e não integrada falha em cumprir funções estruturadoras da imagem da cidade. As árvores não chegam a formar caminhos verdes claros, nem atuam como marcos vegetais significativos — com exceção pontual da Praça da Anistia, que concentra diversidade de espécies, mas permanece desconectada do entorno. Além disso, a escassez de vegetação prejudica a definição de limites suaves e a criação de nós de convívio sombreados, elementos fundamentais para a legibilidade e a apropriação afetiva do espaço. Desse modo, a arborização — quando existe — é tratada como elemento isolado, e não como parte de um sistema visual e ambiental integrado, o que limita tanto a experiência sensorial serial (Cullen, 2008) quanto a construção de uma identidade urbana rica e memorável (Lynch, 2011).

Figura 7 – Mapa de Arborização



Fonte: Elaborado pelas autoras no ArcGIS

3.6 Perspectiva de Lynch

Sob a perspectiva de Kevin Lynch em A Imagem da Cidade, o trecho delimitado pelas ruas Senador Pompeu, Camerino, Leandro Martins e Conceição configura um fragmento urbano compacto e morfologicamente coeso, inserido no tecido histórico da Região Portuária, no Centro do Rio de Janeiro. A malha apresenta quadras densas, alinhamentos contínuos e traçado adaptado à topografia, favorecendo uma leitura relativamente clara do espaço.

Os caminhos (*paths*) estruturam a organização do conjunto, articulando deslocamentos locais e conectando o trecho a eixos de maior hierarquia. As interseções funcionam como pequenos nós (nodes) de redistribuição de fluxos, enquanto as edificadas contínuas atuam como bordas (edges) bem definidas, reforçando a delimitação entre espaço público e privado. Em escala ampliada, o conjunto integra um distrito de caráter histórico, cuja identidade decorre da homogeneidade tipológica e da permanência de traços morfológicos tradicionais.

De modo geral, o trecho se comporta como um tecido urbano tradicional, de boa legibilidade estrutural, embora sua imagemabilidade dependa mais da leitura do conjunto do que da presença de marcos isolados de forte destaque.

À luz das categorias analíticas propostas por Kevin Lynch, em A Imagem da Cidade, a Rua Leandro Martins, pode ser compreendida a partir da predominância do elemento caminho (*path*). A via apresenta linearidade clara, perspectiva longitudinal contínua e fachadas alinhadas,

características que reforçam sua função como eixo estruturador da circulação cotidiana. Tal configuração contribui para a legibilidade do espaço, facilitando sua organização mental pelos usuários.

As edificações contínuas que delimitam a rua desempenham o papel de bordas (*edges*) bem definidas, estabelecendo limites nítidos entre o espaço público e o privado. A homogeneidade de gabarito e o alinhamento das construções reforçam a sensação de contenção espacial e unidade morfológica, favorecendo a leitura do conjunto como parte de um distrito histórico relativamente coeso, marcado por tipologias tradicionais e uso misto.

Entretanto, observam-se fragilidades no que se refere à imagenabilidade. A ausência de marcos urbanos expressivos e de elementos simbólicos de forte destaque reduz o potencial de memorização do lugar. Além disso, sinais de degradação física e descaracterização das fachadas tendem a enfraquecer a identidade urbana, comprometendo parcialmente a força imagética da Rua Leandro Martins no contexto mais amplo do centro histórico.

No contexto do trecho estudado, a Avenida Marechal Floriano evidencia uma configuração espacial de maior escala e complexidade, podendo ser interpretada a partir das categorias propostas por Kevin Lynch, em A Imagem da Cidade. A via se afirma como caminho (path) estruturador, dada sua largura, continuidade longitudinal e presença dos trilhos do VLT, elementos que intensificam sua hierarquia no sistema viário. A perspectiva aberta, associada à arborização e ao canteiro central, amplia o campo visual e confere maior monumentalidade ao percurso, fortalecendo sua legibilidade no tecido urbano central.

As bordas (*edges*) são definidas tanto pelas frentes edificadas históricas contínuas quanto pela infraestrutura central que organiza os fluxos. Na confluência com a Avenida Passos, consolida-se um nó (*node*) urbano, caracterizado pela convergência de diferentes modais e pela complexidade geométrica do cruzamento. A presença de edifício histórico de esquina reforça a referência visual do ponto, potencializando sua imaginabilidade e consolidando-o como espaço estratégico na organização e na percepção da área central.

Figura 8 – Mapa de Arborização



Fonte: Elaborado pelas autoras

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo evidenciam que a preservação efetiva do patrimônio cultural está intrinsecamente ligada à qualidade da paisagem urbana que o constitui, superando uma visão segmentada que trata os bens culturais como objetos arquitetônicos isolados.

A pesquisa demonstrou uma correlação direta entre a descaracterização das fachadas históricas e a degradação do espaço público imediato. Este cenário é marcado por calçadas desniveladas, ausência significativa de arborização, mobiliário urbano escasso e mal conservado, e falta de acessibilidade. Tal sinergia negativa gera um círculo vicioso: a perda da qualidade ambiental e da caminhabilidade desvaloriza o entorno, reduz o interesse na conservação dos imóveis e

acelera processos de abandono, descaracterização e sensação de insegurança. Portanto, defende-se que políticas de preservação patrimonial devem atuar de forma integrada, simultaneamente na escala do edifício e na escala da quadra e da rua, compreendendo-os como um sistema socioespacial indissociável.

Conclui-se que a preservação do patrimônio cultural edificado, tal como praticada atualmente, não dialoga com a construção de um patrimônio ambiental vivo e dinâmico. A requalificação da paisagem urbana, com a reintrodução qualificada da arborização como elemento estruturador, não é um mero adorno, mas uma premissa fundamental. A ampliação e arborização das calçadas, tecnicamente viável em muitos trechos (como na Rua Camerino e Senador Pompeu), surge não apenas como uma medida de conforto, mas como uma estratégia urgente de requalificação patrimonial integral. Trata-se de reinserir a vegetação como elemento estruturador da forma urbana, criando sombra, atenuando o ruído, protegendo as fachadas e, finalmente, gerando os espaços de convívio que podem reativar a memória e o significado do lugar.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. As autoras agradecem à FAPERJ (Bolsa de Iniciação Científica), ao CNPq, PROARQ-FAU-UFRJ e a todos os integrantes do Grupo ProConf.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. Tradução de Isabel Correia e Carlos de Macedo. Lisboa: Edições 70, 1996. (Coleção Arquitetura e Urbanismo, 1).

CULLEN, Gordon. ***Paisagem urbana***. Tradução de Maria do Carmo Ferreira. Lisboa: Edições 70, 2008.

LYNCH, Kevin. ***A imagem da cidade***. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

RIO DE JANEIRO (Município). **Secretaria Municipal de Meio Ambiente**. Plano Diretor de Arborização Urbana do Município do Rio de Janeiro: PDAU. Rio de Janeiro, 2015.